

A ALIENAÇÃO DA LINGUAGEM COTIDIANA E POLITICA EM *MANHÃ CINZENTA* DE OLNEY SÃO PAULO

Valéria de Araújo Santos¹; Claudio Cledson Novaes².

1. Bolsista PROBIC, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mana_valeri@yahoo.com.br
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ccnovaes.uefs@gmail.com

PALAVRA-CHAVE: linguagem, arte, alienação.

INTRODUÇÃO

Discutimos o dialogo entre literatura e cinema através da obra *Manhã Cinzenta*, do escritor e cineasta baiano Olney São Paulo. Analisamos as estratégias da linguagem artística para constituir as formas de representação da realidade cotidiana. De acordo ao teórico literário Terry Eagleton (2006, p.6) o discurso literário torna estranha, aliena a fala comum, porém, essa ação paradoxalmente acaba por desvelar as questões comportamentais do cotidiano. Com base nas ideias do psicólogo social Gustave Le Bon (1841-1931) que trata da psicologia de massas através da análise e descrição das reações de grupos subordinados. Entende-se que, o comportamento encontrado no ambito cotidiano é identificado pelo fenômeno do (hábito) pois ele é o grande regulador da sensibilidades, e determinante da continuidade dos atos, segundo Gustave Le Bon “(...) Pode-se compará-lo a inércia, que se opõe, em mecânica às variações de movimento”(LE BON, 2002. pg.44). Nesse sentido, pode-se entender que a linguagem da arte é o que movimenta e retira da inércia a linguagem do cotidiano, nesse aspecto Le Bon argumenta “ Quando o jugo dos hábitos pesou muito tempo num povo, ele só se liberta desse jugo por meio de revoluções violentas”. Refere-se que a arte é a revolução, que ao se apropriar das imagens do real através da alienação da linguagem, paradoxalmente acaba por desalienar o leitor/espectador sobre o real representado. Nesse aspecto vê-se a relevância desse estudo, pois atenta para as consequências éticas que o sistema estético ao apropriar-se do mundo real causa na percepção do leitor/espectador.

MATERIAL E MÉTODOS

Para estabelecer esse estudo, houve o levantamento de dados sobre teoria literária, a história do Brasil, especificamente sobre a ditadura militar, e a história do cinema, em destaque o cinema novo. Análise do conto e filme *Manhã Cinzenta*. Além de leituras complementares, sobre as influencias que permeiam a obra de Olney São Paulo, nos aspectos críticos políticos e filosóficos como, por exemplo, a obra do escritor francês Albert Camus do século XX. Os materiais utilizados nessa pesquisa são fundamentados no uso de livros e no acesso a internet.

ANÁLISE E RESULTADOS

Entramos em contato com o fenômeno da alienação da linguagem, ao depararmos com a forma incomum que se apresenta a arte ao apropria-se das imagens do cotidiano. Focando o diálogo entre literatura e cinema, por possuírem certos aspectos que as aproxima, por exemplo, na fruição, no estudo e na pesquisa, vemos que a alienação da linguagem é fator pertencente nas duas vertentes artísticas. Essa estratégia é utilizada na obra de Olney São Paulo *Manhã Cinzenta*, conto (1966) e filme (1969) sendo a representação alegórica do

descontentamento eminente diante do período da Ditadura Militar. Trata-se da apropriação diferenciada da linguagem comum, do expressar e refletir as imagens do cotidiano por meio de metáforas e alegorias, de acordo a Flávio Moreira da Costa (1979, p.133), “(...) de dentro da alienação é assumir a condição da barata (seja a de *Metamorfose* ou a barata de *A Paixão Segundo G.H.*): é andar às tontas sem compreender sequer o assoalho onde pisa, nem as “estranhas” criaturas a sua volta”. A alienação nas vias artísticas pode se manifestar na forma da (linguagem metafórica ou alegórica), o que resulta nesse caso, numa literatura e num cinema com valor estético que testemunha e reflete de forma particular as experiências humanas. Esse sistema estético propicia o despertar da sensibilidade do espectador/leitor, que em contato com os efeitos da linguagem artística e seu caráter alienante e, paradoxalmente desalienante, (no jogo entre o processo psicológico da alienação da linguagem e a reversão desalienante sobre o imaginário social) passa a perceber o mundo através de outra óptica. A proposta do trabalho (A alienação da linguagem cotidiana e política em *Manhã Cinzenta* de Olney São Paulo) foi apresentada na Semana de Iniciação Científica (*SEMIC 2011*), evento realizado pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), havendo a exibição de pôster expondo recortes importantes sobre a abordagem temática da pesquisa. Além da apresentação no mini-curso ASPECTOS CRÍTICOS DA LITERATURA E DO CINEMA: LEITURAS, OLHARES E REFLEXÕES SOBRE A OBRA DE OLNEY SÃO PAULO do Núcleo de Estudos em Literatura e Cinema (NELCI/UEFS), do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana, ministrado em maio de 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Manhã Cinzenta* do escritor e cineasta baiano Olney São Paulo, é representação alegórica do descontentamento social frente ao sistema de autoritarismo político que pode ser assimilado ao período da ditadura militar no Brasil. Nessa obra temos o diálogo das artes literária e cinematográfica que devido à aproximação de aspectos elementares possibilitou o desenvolvimento da análise sobre a forma peculiar que a arte apropria e reflete as imagens do cotidiano. Isso através de um sistema estético que manuseia a linguagem usando artifícios como signos metafóricos e alegóricos para alienar a linguagem habitual. Tendo em vista a estranheza causada pela arte perante o imaginário social ao estabelecer uma peculiar representação da linguagem cotidiana, vê-se normal que o leitor/espectador observe com atenção as representações das imagens os (signos) e suas referências a (realidade). Essa atuação é responsável por despertar a conscientização para outra dimensão do mundo real, trata-se do desenvolvimento perceptivo. E é nesse jogo de signos na apropriação da realidade que a obra *Manhã Cinzenta* transita no momento em que as liberdades individuais eram suprimidas, estabelecendo assim um caráter alienante e relutante. Tal como afirmou o cineasta baiano Glauber Rocha (1939-1981): “*Manhã Cinzenta* é o grande filmexplosão (...) desintegra signos da luta contra o sistema-panfleto bárbaro e sofisticado”.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Vicente. Camus: Vida e obra. Rio de Janeiro: José Álvaro, Editor, s/d.
 COSTA, Flávio Moreira da. Os subúrbios da criação. Polis, 1979.
 EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução. Tradução. Waltenir Dutra. 2ª edição. São Paulo, 2006.
 LE BON, Gustave. As opiniões e as crenças. São Paulo: Ícone, 2002.
 PALMA, Glória Maria (Org). Literatura e Cinema: A demanda do santo graal & Matrix; Eurico, o Presbítero & A mascara do Zorro. São Paulo: EDUSC, 2004.

SÃO PAULO, Olney. A Antevéspera e o Canto do Sol – Contos e Novelas. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1969.

SACKS, Sheldon (org.). Da metáfora — O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. São Paulo, Educ, 1992.

XAVIER, Ismail. O Cinema Brasileiro Moderno. São Paulo, Paz e Terra, 2001.

Manhã cinzenta (1969), Olney São Paulo. 35 mm, p&b, 21 minutos, roteiro, direção e produção. Câmera de José Carlos Avellar.

<http://profhugoleonardo.blogspot.com/2010/08/o-cinema-novoli.html>.

<http://caicosubterraneo.blogspot.com.br/2009/10/um-golpe-militar-num-pais-ficticio-da.html>.